

Vacina contra dengue é aprovada e deve ser vendida em até 3 meses

Oferta do produto na rede pública dependerá de avaliação, mas laboratórios manifestam interesse

Ela é destinada para pessoas de 9 a 45 anos e tem uma eficácia mais baixa do que vacinas contra outras doenças

FLÁVIA FOREQUE

DE BRASÍLIA

O governo brasileiro autorizou a venda da primeira vacina contra a dengue no país, fabricada pelo laboratório francês Sanofi Pasteur. A expectativa é de que a vacina esteja disponível para venda num prazo de até três meses.

A oferta do produto na rede pública depende de aprovação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, a partir de critérios como público-alvo e eficácia. O Ministério da Saúde diz que a decisão “será estudada com prioridade”, mas faz ressalvas sobre a vacina.

Na rede privada, grandes laboratórios (como Fleury e grupo Dasa, das marcas Delboni, Lavoisier e Alta) dizem ter interesse em disponibilizá-la, mas afirmam ainda analisar em qual prazo.

A vacina, já autorizada no México e nas Filipinas, é destinada para a faixa entre 9 e 45 anos, aplicada em três doses (uma a cada seis meses), com eficácia global de 66%. Esse índice varia conforme os tipos de vírus — a proteção se refere a quatro sorotipos.

O laboratório Sanofi Pasteur diz que a definição do preço depende da estratégia do governo federal para oferta do produto à população.

O ministro Marcelo Castro (Saúde) disse neste mês que o custo é um “problema”. Citou uma referência de 20 euros (em torno de R\$ 85) por

dose e que seria “inviável” para toda a população.

Ele sugeriu como ideia inicial a vacinação de adolescentes de 10 a 14 anos, “porque é um público que se movimenta muito”, facilitando a transmissão da doença.

Jarbas Barbosa, presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que concedeu registro da vacina), afirmou em maio que a eficácia é “limitada” e que um intervalo de seis meses para cada dose “não serve para contenção de um surto”.

A mesma crítica é feita por Esper Kallás, infectologista da USP e coordenador de estudos da vacina pelo Instituto Butantan. Ele destaca que

imunizações contra meningite, rubéola e sarampo têm eficácia da ordem de 90% e faz críticas ao fato de ela não contemplar pessoas mais novas e idosos, público com maior incidência de casos graves.

“A pergunta é: vale a pena adotar uma vacina como política pública de saúde sendo que ela exclui as pessoas que estão sujeitas à dengue mais agressiva? Acho que o custo benefício não compensa”, diz.

Segundo o laboratório, a capacidade de produção anual é de 100 milhões de doses.

Diretora médica do Sanofi Pasteur, Sheila Homsani afirma que 70% dos casos de dengue no Brasil atingem a população contemplada na vacina,

e que isso ajuda na proteção das demais faixas etárias.

“Quando uma pessoa é picada, nem sempre ela tem sintomas, mas está com o vírus circulando no sangue. Quando um mosquito pica de novo, pega o vírus e transmite para outra pessoa. Se a gente vacinar esse grupo, vamos proteger os pequenos e os maiores de 60 anos.”

Ela destaca que a vacina tem eficácia de 93% em casos graves e diminui em até 80% os casos de internação.

Diretora da empresa na América Latina, Lúcia Bricks diz ser necessário “considerar o impacto da doença” no país.

Até o início deste mês, o Ministério da Saúde registrou

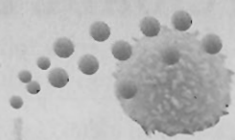
1,58 milhão de casos prováveis de dengue —quase o triplo do número apurado no mesmo período de 2014. Até o momento, foram 839 mortes, frente a 465 no ano passado.

Em nota, a pasta afirma que o governo “estabeleceu prioridade” para pesquisas referentes ao *Aedes aegypti* e que demais doenças transmitidas pelo mosquito não estão contempladas na vacina.

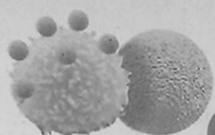
“O Ministério da Saúde reforça que, neste momento, somente o combate ao mosquito *Aedes aegypti* é eficiente contra a multiplicação dos casos de dengue, chikungunya e zika”, afirma a pasta.

COMO AGE

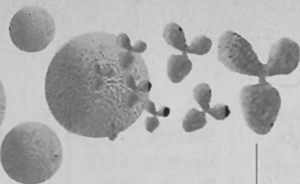
Vacina da Sanofi Pasteur é aprovada pela Anvisa e deve ser vendida no país em 3 meses



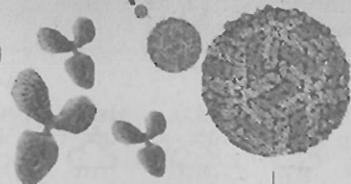
As células de defesa capturam os vírus modificados da vacina e os carregam pelo sistema imunológico



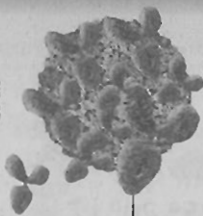
Elas ativam outras células de defesa, que se multiplicam e começam a produzir anticorpos



Os anticorpos são disseminados pelo corpo por meio da corrente sanguínea



Quando o mosquito infectado pica, o vírus que entra no corpo é reconhecido pelo sistema imunológico



Os anticorpos neutralizam o vírus da dengue, facilitando sua eliminação

CONHEÇA A VACINA

Fabricante: Sanofi Pasteur (França)


Público: Entre 9 e 45 anos de idade


Aplicação: Três doses, uma a cada seis meses


Custo: Preço estimado de 20 euros (R\$ 84) por dose

SOROTIPOS

Proteção varia de acordo com tipo de vírus da dengue


Tipo 1  58%

Tipo 2  47%


Tipo 3  74%

Tipo 4  83%

COMPARAÇÃO DE EFICÁCIA

Dengue, da Sanofi Pasteur  66%

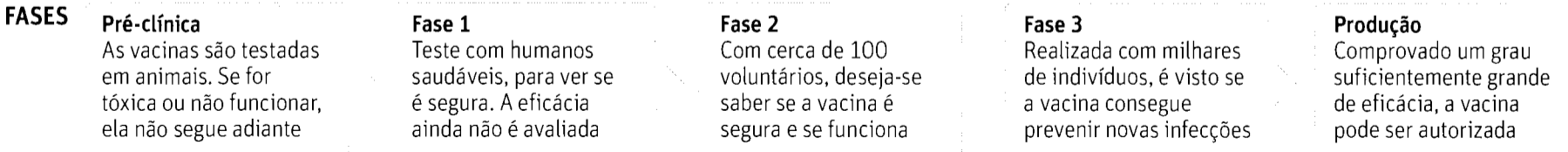
Febre amarela  90%

HPV (contra o câncer de colo de útero)  98,8%

OUTRAS PROTEÇÕES CONTRA A DENGUE

Outros quatro laboratórios desenvolvem vacinas no país

Instituto	Oswaldo Cruz	GSK/Bio-manguinhos (Fiocruz)	Takeda	Butantan/ HC-USP/NIH
Como funciona	Além de criar anticorpos, faz as próprias células do corpo agirem contra o vírus da dengue	Feita com vírus inativado que não se replica no organismo e promete combater os 4 subtipos do vírus	Assim como a do Butantan, a vacina é feita a partir de um vírus de dengue atenuado e modificado	Feita à base de vírus da dengue atenuado – como as vacinas de rubéola e sarampo
Resultados	Em camundongos, uma dose única obteve 100% de imunização	A GSK não divulgou maiores informações sobre os resultados	Os resultados até agora não foram divulgados	Estudos em larga escala da vacina ainda serão iniciados



Fontes: laboratórios, Anvisa e Ministério da Saúde

Faz mais sentido combater *Aedes* do que vacinar em massa

CLÁUDIA COLLUCCI

DE SÃO PAULO

A recém-aprovada vacina contra a dengue pouco ajudará no controle da doença. Ainda mais no atual cenário em que o mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*, também protagoniza epidemias de zika e chikungunya pelo país.

Há muitas ressalvas em torno da vacina. A começar pela taxa de eficácia, de 66% em média, considerada “baixa” pela Anvisa. Para os sorotipos 1 e 2 da dengue, a eficácia é de menos de 50%. Para quem nunca teve dengue, menor ainda, de 43%.

Outro senão é a necessidade de três doses, uma a cada seis meses, o que dificulta a adesão. Mas, como bem lembrou Lucia Bricks, diretora médica da Sanofi Pasteur, fabricante da vacina, em entrevista à **Folha**, “é o que temos neste momento”.

A vacina em desenvolvimento pelo Instituto Butantan promete imunização de 90% com uma única dose. Mas ainda não há estudo que comprove essa taxa de sucesso.

A pergunta é: por que então uma vacina tão criticada do ponto de vista de eficácia é colocada no mercado?

A Sanofi tem uma boa justificativa. Se temos 1 milhão de infectados, com a vacina serão 600 mil casos a menos.

A Sociedade Brasileira de Medicina de Família levanta outra questão. Na maioria dos casos, a dengue é uma doença relativamente “benigna”.

As mortes estão diretamente ligadas ao diagnóstico tardio e a suas complicações, não ao vírus em si. Ou seja, seria mais urgente investir na capacitação da rede básica do que numa vacinação em massa.

Não há previsão de quando (e se) a vacina chegará ao SUS. O Ministério da Saúde diz que estuda isso, mas que priorizará as pesquisas sobre o mosquito *Aedes*.

Faz total sentido, embora não se saiba de onde sairá o dinheiro. Tem pesquisador de laboratório público comprando reagente fiado para não interromper os estudos.

Hoje, não há nada mais importante do que a adoção de novas estratégias para o combate ao mosquito. Igualmente prioritários são os estudos sobre a microcefalia e o apoio às crianças sequeladas.

Com um corte de R\$ 3,8 bilhões no orçamento da Saúde para 2016, o cobertor encurtou. Mais do que nunca será preciso fazer escolhas.
